



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ANA CARRILHO ROMERO GRUNENVALDT**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-708

**Entrevistada:** Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Residência da Entrevistada, Cuiabá- MT

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 20/05/2016

**Transcrição:** Marina Albugeri da Silva

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 40 minutos e 22 segundos

**Páginas Digitadas:** 12 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação Acadêmica; Aproximação com a História; Grupo de Estudos de Catalogação e Levantamento de Fontes; Projeto de Pesquisa do Mestrado e Doutorado; Trabalhos de História Oral; Pesquisa Histórica na Educação Física; Criação e acompanhamento das atividades nos Centros de Memória da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade Federal do Mato Grosso; Impacto do Centro de Memória na Faculdade de Educação Física; Dificuldades e Desafios; Palavras Finais.

Cuiabá, 20 de maio de 2016. Entrevista com Ana Carrilho Romero Grunennvaldt a cargo da pesquisadora Christiane Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professora, primeiro muito obrigada por me receber, e eu queria que você começasse falando sobre a sua formação.

A.G. – Eu me formei na UEL<sup>1</sup>, bem no centro da década 1980. Eu fiz a faculdade de 1985 a 1988. Então, quando eu me formei a educação física passava... Já na graduação eu tive uma aproximação com a história da Educação, e conseqüentemente, da Educação Física. Então, nos anos que eu fiz a faculdade, tanto na história da Educação como na Educação Física, a gente chamava de Nova República então, isso passava pelo nosso cotidiano. Então, a gente como acadêmico tinha uma, naquela época, um engajamento político de conhecer a história, que nós éramos a primeira geração, que depois fomos chamados de geração perdida [risos] porque não conseguimos... Mas a gente tinha muito esse anseio, não só de conhecer a história, como um engajamento político. Então, talvez, minhas primeiras aproximações mais calorosas foram nesse sentido e, também, da própria Educação Física, nós somos a geração do livrinho<sup>2</sup> do Castellani<sup>3</sup>, como os tenizinhos ali, que a gente era um pouco aquilo. E toda aquela leitura crítica, acho que talvez foi a primeira abordagem teórica que eu fui ter. Naquele momento, o que eu li na história da Educação Física, que eu tive na faculdade, foi a leitura do Inezil Penna Marinho, mas a gente já tinha essa leitura crítica, que o nosso professor estava fora da ordem, que ele deveria se aposentar e que deveria vir outra leitura. Então, acho que foi a primeira abordagem da história da Educação Física, talvez, foi essa atitude de já conhecer uma outra leitura fora da minha própria disciplina e sabendo por outros professores que a Educação Física estava num momento de redimensionamento ... E daí com o livro do Castellani, que isso se intensifica e depois, posteriormente, vem o livro, que também se tornou uma referência nessa discussão, que foi a Carmen Lúcia<sup>4</sup>. Porque eu sou muito contemporânea, por exemplo, do Victor Melo<sup>5</sup>, que foi o primeiro da nossa geração, assim, que eu lembro,

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Londrina.

<sup>2</sup> Educação Física: a história que não se conta.

<sup>3</sup> Lino Castellani Filho.

<sup>4</sup> Carmen Lúcia Soares.

<sup>5</sup> Victor Andrade de Melo.

a Silvana<sup>6</sup>, o trabalho da Silvana, o trabalho do Tarcísio<sup>7</sup>, do Américo<sup>8</sup>, que eu conhecia, que eram pessoas próximas a mim e antes de eu começar a fazer. Então isso já na graduação, talvez essa leitura, da leitura obrigatória do Inezil Penna Marinho e da leitura que a gente já fazia paralelamente. A Carmen ainda não tinha publicado o livro dela, mas ela já era uma interlocutora dessa área e a Silvana também, que talvez é a dissertação da Silvana, na época, não foi publicado, mas foi quase uma leitura obrigatória para todos nós naquele momento, até porque a Silvana também traz, como o Lino, na área pedagógica a questão do método francês, então, era uma questão importante. Então, daí eu me formo, fico um tempo, daí eu vou fazer a pós-graduação, já no mestrado. Na minha atuação participo do movimento político e do sindicato e essa coisa, então, passava pelo envolvimento da história e, conseqüentemente, a leitura marxista que era a presente naquele momento. Por isso que eu estou falando, a Carmem vai ser a primeira da área que vai nos trazer uma outra leitura ou começar a ampliar com a leitura de outra perspectiva histórica e até a leitura da própria história, que a gente começa. Mas nesse primeiro momento, que é de 1988 até 1995 mais ou menos, eu tenho o envolvimento do meu cotidiano com a história, então, já era, digamos assim, uma coisa muito presente na minha atividade de professora. Daí eu vou fazer o mestrado, quando eu entrei no mestrado, entrei na Gama Filho<sup>9</sup>, naquele momento, eu estava trabalhando com a prática pedagógica. Então, eu entrei na história pelo viés da Silvana Goellner, então, eu ia estudar, naquele momento, a prática pedagógica da Educação Física, tanto que o meu primeiro projeto de mestrado era trabalhar o escolanovismo. Então, a gente lia a história da educação e via que a década de 1920 era uma década agitada no sentido da educação e da educação física foi ao contrário, você vai ver quase que no auge da pedagogia nova, nós implantamos o método francês [risos]. E daí a gente tinha vários vieses dessas contradições, mas eu, naquele momento, eu fiz seleção, todas as minhas seleções do mestrado, que eu fiz cinco, foram todas na história da educação, mas todas entrando por aí. Eu tinha um projeto meio por aí. Mas aí eu passei, depois que eu passei, me veio a possibilidade, já no mestrado, no primeiro ano, eu estava fazendo na Gama Filho, estava trabalhando em Sergipe já, era professora universitária, naquele momento substituta, tinha um grupo de pesquisa na História, não no Departamento

---

<sup>6</sup> Silvana Vilodre Goellner.

<sup>7</sup> Tarcísio Mauro Vago.

<sup>8</sup> José Américo Menezes.

<sup>9</sup> Universidade Gama Filho.

de Educação Física, mas na História, que era o grupo de pesquisa do HISTEDBR<sup>10</sup>, que é uma rede formada pelo professor Demerval Saviani e tinha um pólo dessa rede, então, nos tínhamos o pólo da rede do Saviani lá em Sergipe. Eu me aproximo com esse interesse, gostei, comecei a trabalhar com o grupo, daí veio a possibilidade de eu mudar o meu projeto, foi o que eu fiz, eu mudei o projeto, me engajei no grupo deles, que era o grupo de catalogação, levantamento de fontes, achei interessante. Daí me veio o desafio de trabalhar com catalogação e levantamento de fontes especificamente da Educação Física, nós já tínhamos, naquele momento, o grupo já tinha feito o levantamento e a catalogação das fontes mais gerais dos arquivos de Sergipe. E daí a professora Marta Cruz<sup>11</sup>, que era coordenadora do grupo, me propôs esse desafio “porque você não faz no seu projeto? Você pode trabalhar o levantamento de uma hipótese dentro da própria catalogação de fontes”. Então eu fiz, daí eu fiz como é que a Educação Física era incorporada numa instituição específica, que foi a instituição formadora lá em Sergipe que era a Escola Normal. Então, daí eu fiz um processo, que eu tinha já uma base de fontes que o grupo já tinha feito. Comecei das fontes primárias, que geralmente todo mundo é o contrário, por incrível que pareça eu comecei das fontes primárias, daí levantei meio que uma hipótese: como é que as normalistas se transformavam em professoras de educação física? E peguei aquele mesmo período, mas daí por um outro olhar que era a formação de professores, daí estabeleci um recorte peguei 1931, que lá em Sergipe é um regulamento e tal que era de 1931 até a chegada do regime militar e tal. E, também, um tempo depois vem o próprio curso de formação de professor, específico, que é a Faculdade de Educação Física<sup>12</sup> lá da Federal de Sergipe<sup>13</sup>, que começa a formar os professores. Então eu trabalhei com o período que não tinha professores de Educação Física e até o período um pouco anterior, porque Sergipe começa, principalmente da década de 1960 até a Faculdade de Educação Física surgir, a receber professores vindos formados no Rio<sup>14</sup>, que era a formação específica, os primeiros professores em Educação Física. Mas até a década de 1950, mais ou menos, que foi onde eu fiquei, eram professores formados das normalistas, principalmente as mulheres, mas os homens também, os homens eram da formação militar, eles eram militares e seguiam a mesma coisa, mas não eram formados. O meu trabalho primeiro foi esse e o meu trabalho

---

<sup>10</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil.

<sup>11</sup> Marta Vieira Cruz.

<sup>12</sup> Departamento de Educação Física.

<sup>13</sup> Universidade Federal de Sergipe.

<sup>14</sup> Rio de Janeiro.

da história, especificamente, foi o trabalho de fontes primárias, que foi aprender a localizar, a contextualizar todo o material, do contexto do documento, da leitura do documento e tal, daí eu comecei bem como historiadora mesmo. E eu comecei do trabalho da materialidade dos documentos para a Educação Física. Tanto é que eu comecei com uma localização específica de determinadas fontes, que eu fiz de 1931... Mas isso era um movimento que chegava até 1938, daí eu fui localizar o que tinha acontecido. Aí falando do trabalho específico de história, depois eu reconheci no meu trabalho de fontes, que na verdade, as primeiras professoras eram formadas na prática na escola, porque eles tinham uma prática das monitoras, não eram monitoras, não lembro, a professora na escola normal treinava a melhor aluna ou o melhor aluno para demonstrar, geralmente, aquela pessoa se transformava em professor de Educação Física dentro das escolas. E outra coisa eram praticantes, pessoas praticavam atividades e tal, que se tornavam professores de Educação Física, isso muito no começo e depois a primeira formação específica de professores de Educação Física, não é de professores, são as normalistas e daí elas sim vão ter uma orientação, daí didático-pedagógica do método, do método francês, que existia uma metodologia e tal, elas não vão fazer por reprodução. Então eu comecei a identificar e a primeira ação em Sergipe é a vinda de um professor que chamava Tito Pádua; ele fez parte de um projeto com o Vila-Lobos<sup>15</sup>, que era Educação Física e Canto Orfeônico, eles iam aos Estados, esse era um núcleo que ficava na capital, que na época era o Rio de Janeiro, eles iam e faziam o que era chamado de uma missão. Esse Tito Pádua e um outro professor de música, que eu não me lembro agora, receberam essa missão. Então, eles ficaram um ano treinando os professores da rede, para se formar essa primeira geração em Sergipe, especificamente, de professores de educação física, tanto mulheres quanto homens e tal. Então aí que eu localizei, então, o meu trabalho de fontes, a primeira coisa foi achar essa ação, que ninguém sabia, então, o meu trabalho de fontes foi achar essa coisa, demorou, você vai nas entrevistas, depois você vai cruzar e tal. Foi a primeira formação e, também, eu entrevistei as primeiras professoras, que ainda eram vivas naquele momento, daí depois eu complementei esse trabalho de fontes primárias e documentais com as entrevistas, que ainda algumas senhoras eram vivas, eu entrevistei sete, com quase oitenta anos e que eram essas professoras. Tinha uma que chegou a conhecer esse professor e tal. Então daí eu fiz o trabalho oral e também fotos, achei muitas fotos da época com elas. Daí fiz o trabalho de história oral em cima dessa primeira geração e toda uma prática e tal. Então esse foi meu

---

<sup>15</sup> Heitor Villa-Lobos.

primeiro trabalho. Daí o trabalho com todo esse material, tanto da pesquisa documental e como da oral, eu aprendi com o grupo do HISTEDBR, que era lá de Sergipe, coordenado pela professora Marta Cruz. E depois como o meu trabalho deu certo e eu tinha hipóteses muito fortes dentro dele, da própria pesquisa documental, me colocaram quente... Você sempre fica, não sei agora, mas na época e quando eu fiz, a gente ficava muito inseguro de atuar como um historiador, naquele momento você... O objeto era Educação Física, mas eu atuava e trabalhava na pesquisa, propriamente dita, como historiadora, então tinha aquela coisa. Eu me lembro que eu entrei meio de supetão no mestrado e, depois quando me chamaram “continua no doutorado”, eu fiquei meio assim, mas assim mesmo continuei, daí foi também um desafio, porque era para ampliar. E daí o meu projeto, no primeiro momento, era ver como os métodos, o francês, o sueco, entraram em Sergipe, tanto é que o meu título era: “As trilhas da Educação Física: Sergipe, Brasil e Europa”. Isso foi o meu projeto de doutorado, eu ia ver como que tinha entrado... Já que a hipótese no mestrado foi essa e, depois nas discussões, ficou muito a provocação das leituras do meu trabalho, se a entrada, especificamente, da estrutura teórico-metodológico, digamos assim, era com o Tito Pádua, e o que ele trouxe e tal e como isso foi... Eram os métodos usados na época, principalmente, o sueco, o alemão e o francês. Aí eu pensei, mas depois acabei reordenando, eu ia fazer o meu doutorado na Alemanha, que eu ia ficar dois anos na Europa e daí eu ia vir de trás para frente, eu ia ver lá na Europa e depois ia fazer o confronto aqui no Brasil. Depois acabou que não deu certo, eu acabei passando na UNICAMP<sup>16</sup>, que era o grupo do Saviani. Fui para a UNICAMP, lá na UNICAMP meu orientador falou “não, vamos manter a hipótese, mas a gente não vai ver isso assim... vamos fazer o contrário, vamos sair daqui e chegar lá, mas não no sentido dos métodos, mas das idéias”. Aí a gente pegou a ideia: o que faz a Educação Física ser incorporada na escola em Sergipe, daí eu continuei, até o meu título continuou o mesmo [risos], mas a gente não fez pelos métodos, a gente fez pelos regulamentos da instrução pública. Eu fiz todo um trabalho, também de fontes primárias, levantei todos os regulamentos. Então, acabou que eu também fui fazendo o trabalho de doutorado, também, um trabalho bem de fonte primária, em cima das fontes primárias eu fiz todo um percurso de como a Educação Física vai entrando nos regulamentos. Eu peguei a Primeira República, eu fui para trás... Como isso foi construindo anteriormente. E daí eu fui trabalhando no que a gente chamou

---

<sup>16</sup> Universidade Estadual de Campinas.

de os mediadores, a gente usou um conceito da Diana Vidal<sup>17</sup>; que a Diana fala que a gente vai tendo mediadores culturais que são interlocuções daquelas ideias, elas vão circulando. Então eu fui trabalhar com o que se chamou de mediadores. Como é que Sergipe acata os próprios interlocutores no Brasil, que daí eu peguei Fernando de Azevedo, Manuel Bomfim, José Veríssimo<sup>18</sup> e o Rui Barbosa<sup>19</sup>, que foram os defensores da Educação Física nas reformas curriculares da Primeira República. E fui trabalhar com os interlocutores desses interlocutores brasileiros na Europa, daí Spencer<sup>20</sup> e tal, e daí fiz essa coisa que eu chamei de mediadores culturais. Eu não usei entrevista, eu usei as fontes primárias que foram os regulamentos, os jornais, houve muitos debates nos jornais na época, eu usei algumas coisas de jornal e as obras. O meu orientador, dominava bem o trabalho com obras, ele me provocou, que daí foi um exercício que também era bem recente naquela época, que era usar obras, tinha muita gente que usava os romances e tal, mas eu nem entrei, mas assim mesmo foi um frio na barriga, porque você tinha que ter um contexto histórico muito sedimentado para ver essas interlocuções. Mas daí deu certo, funcionou bem, eu tinha uma orientação bastante segura nisso e eu consegui fazer esse diálogo das fontes primárias, propriamente ditas, que na verdade as obras para mim, nem sei, se me perguntasse, não sei se as obras foram fontes primárias ou secundárias, mas no sentido que eu usei obras e usei, também, um pouco, como complementação. Daí, também, meu trabalho foi bastante teórico. E depois eu continuei, eu trabalhei muito tempo com a história, continuei com o grupo do HISTEDBR. Atuei lá em Sergipe como professora de história, atuando ainda no grupo, fiz projetos de pesquisa, tive vários alunos trabalhando. Acabou que eu meio que inaugurei essa questão das fontes, e eu conhecia muito bem as fontes, então, sempre tinha alunos e, a gente acabou desenvolvendo algumas atividades. Depois eu venho aqui para o Mato Grosso, por outras razões, acabei sendo professora de história da educação, mas aqui eu trabalhei com história com mais segurança, eu sabia o que fazer. Aqui eu trabalhei em dois ou três projetos com a história oral, que era uma coisa que eu tinha trabalho no mestrado e aqui, quando eu cheguei no campus de Sinop<sup>21</sup>, me veio a provocação, lá estava surgindo um campus novo, daí a gente foi fazer uma história recente. Lá acabei fazendo dois ou três trabalhos de história oral e usando todas essas

---

<sup>17</sup> Diana Gonçalves Vidal.

<sup>18</sup> José Veríssimo Dias de Matos.

<sup>19</sup> Rui Barbosa de Oliveira.

<sup>20</sup> Herbert Spencer.

<sup>21</sup> Cidade do Mato Grosso.

ferramentas que eu conhecia da história. Daí quando eu vim aqui para o campus de Cuiabá, aqui que eu vou trabalhar com o centro de memória. Daí o Evando<sup>22</sup> estava organizando o Centro de Memória, me chamou para participar e eu estou meio como colaboradora, mas estou mais na interlocução. E agora que eu estou... Eu agora, recentemente, agora em julho eu quero começar com um projeto daí de fontes primárias, que ainda não tem aqui... Fontes primárias da educação física escolar, como eu fiz lá em Sergipe e tal. Vou começar aqui, eu chamei “As Trilhas do Mato Grosso” [risos], eu fiz as trilhas lá de Sergipe. Eu quero trabalhar com três elementos que são presentes nesse, que eu chamo o espaço, que é a materialidade, daí todo um debate, nos regulamentos você vai ver, mas principalmente nos relatórios da instituição pública, eu trabalhei lá em Sergipe, quero ver como isso se dá aqui, que são fontes primárias, na primeira década tinha os regulamentos, mas nos relatórios que eram as inspeções que os relatórios estavam sendo ou não aplicados, aparece o espaço, que é aquele negócio “o sujeito não tem lugar para desenvolver e tal”. A outra era o professor, que é a formação de professor, então, você tem todo um período: tem, não tem, quer, não é; daí eu vou mapear isso um pouco, que é o que eu fiz lá e, a gente chama o espaço, a formação de professores e a lei, que são os próprios, num primeiro momento, os regulamentos e depois, quando vem na década de 1930, a obrigatoriedade da educação física. Mas antes da obrigatoriedade da educação física, eu também trabalhei... que eu quero discutir aqui, também, toda uma materialidade da própria lei que já estava presente. A gente que estuda muito a educação física pela obrigatoriedade e, não necessariamente, a educação física está presente desde os primeiros regulamentos da instituição pública no Brasil, ela só não era uma prática, entre aspas, que a força de lei da obrigatoriedade da década de 1930, mas antes já estava presente e é um pouco o que eu trabalhei no doutorado.

C.M. – Professora, como estava a pesquisa histórica quando você faz o seu mestrado? Tinha muito gente fazendo, tinha grupos?

A.G. – Não, não, muito pouco. Tanto é que, por exemplo... Por isso que o frio na barriga, como eu te falei, de ser meio inaugural. Naquele momento, tanto é que o meu primeiro desafio foi isso, no grupo não tinha... Depois o Tarcísio<sup>23</sup> sim, mas o Tarcísio se

---

<sup>22</sup> Evando Carlos Moreira.

<sup>23</sup> José Tarcísio Grunennvaldt

encaminhou para uma outra coisa; tinha três colegas só de educação física lá na época fazendo, depois o Américo. Então nós ficamos lá fazendo pesquisa histórica, no estado de Sergipe, quando eu estava fazendo em quatro, três na época, o Hamilcar<sup>24</sup> é posterior. Mas naquele momento, em noventa e pouco, em Sergipe, especificamente, a gente tinha muito pouco e me lembro assim, até no Brasil... Por isso que eu falei que o Victor, Tarcisio, Silvana, Amarílio<sup>25</sup> é a primeira geração, assim, que a gente chama... Que a gente já era formado com essa questão, que eram nossos interlocutores da história já, fazendo o que não era mais aquele momento da própria história. Mas era uma questão que a gente via ainda meio inaugural, muito diferente de hoje. E a gente tinha muito aquela questão, que acho que foi muito forte naqueles primeiros momentos que era que a história da educação física tem que ser feita pelos professores, pelos sujeitos da educação física. Então você vai ter uma história da educação física contada pela história da educação, que foi as minhas primeiras hipóteses. Mas tinham coisas que não se encontravam, por exemplo, o impacto que é o trabalho do Lino e depois da Carmen e, toda uma produção que se segue depois, o Mauro Betti, que são trabalhos da história que não se conta. Então, não era só o que contar, mas *quem* vai contar também e a outra coisa que acho que foi muito forte na nossa geração, que era quase que uma necessidade de fazer isso, um engajamento político de contar, acho que a coisa mais impactante para nós da leitura do Lino Castellani [risos] é que aquela história precisava ser contada. Então, você ser da história, a gente via uma afirmação, tanto é que depois a gente vai perdendo aquela paixão, aquele encanto, hoje a gente tem até uma leitura mais técnica, naquele momento, a gente tinha uma febre, um encantamento, talvez, assim, da própria história da educação física.

C.M. – Você fica em Sergipe até quando?

A.G. – Eu fiquei até 2009.

C.M. – Você acompanhou a criação do Centro de Memória lá?

A.G. – Não, eu vi a ideia. Mas não tive o processo da formação do Centro de Memória não, quando eu sai de lá eles estavam fazendo o projeto e ainda não estava encaminhado. O

---

<sup>24</sup> Hamilcar Silveira Dantas Júnior

<sup>25</sup> Amarílio Ferreira Neto.

que nós tínhamos lá quando eu sai era esse grupo, então, já tinha o Américo, que tinha contado a história da Faculdade de Educação Física e tinha algumas pessoas já se encaminhando, mas não tinha ainda não.

C.M. – E aqui, o que você acompanhou da criação?

A.G. – Aqui, quando eu vim aqui para a faculdade o Evando já tinha montado o Centro de Memória e ainda está funcionando. O grande problema do Centro de Memória, que eu acho que aqui a gente teve, é a questão da materialidade, onde vai guardar. O Evando está mantendo e tudo, mas é um grande problema, que é a própria memória. Então a gente tem medo, às vezes tem aqueles impasses de você juntar muita fonte e você não ter onde guardar, então, em vez de você ajudar você atrapalha. A outra é a interlocução que isso tem, nós já levamos vários “nãos”, que é aquela coisa, você monta um projeto de Centro de Memória para levar não, então, a gente já levou não da extensão, já me incluo porque eu estava junto com o Evando, a gente tentou na extensão, leva não. Você tenta na pesquisa convencional, tipo CNPQ<sup>26</sup>, você leva não também, porque é um objeto nada a ver, e daí também tem a leitura do que o trabalho que você vai fazer ali não é de pesquisa, é o trabalho de levantamento de catalogação de fonte, nem sempre é visto como trabalho de pesquisa. Eu, por exemplo, eu vejo totalmente, eu tenho o maior apreço pelo levantamento de catalogação, porque, talvez, é o trabalho que me impulsionou muito, mas aí eu tinha todo o lastro do HISTEDBR que me ensinou isso... Nossa, é uma outra coisa. Mas daí é uma visão muito, que só, talvez um historiador e uma pessoa envolvida com aquilo vê a importância daquilo. Mas ainda é muita resistência.

C.M. – Como você definiria o Centro de Memória aqui do UFMT<sup>27</sup>?

A.G. – Eu acho um Centro interessante, acho que é um Centro que está começando, ele tem pouca visibilidade ainda, mas o trabalho de memória, não sei se a visibilidade é tão importante. Eu como aprendi no próprio trabalho, por exemplo, com a geração e talvez com o patriarca disso que era o professor Dermeval Saviani, ele fala a fonte ela tem que ser guardada e ponto, aonde ela vai ser guardada, como e tal, daí é a tua primeira obrigação, é

---

<sup>26</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>27</sup> Universidade Federal do Mato Grosso.

você localizar e como pesquisador se comprometer também. Tanto é que meu trabalho tinha muito isso, as fontes vão ser guardadas e só vão ser guardadas se elas forem conhecidas, entendeu. Eu me lembro, nunca esqueço, um fato, o que é a fonte, eu fiz o trabalho, então, eu localizei essas primeiras professoras, depois as pessoas com o meu trabalho foram atrás e cria aquela rede de outros trabalhos. E daí uma entrevistada minha me reclamou que ela perdeu uma foto, por exemplo, ela tinha uma foto, e emprestou pra alguém, uma foto tal e tudo, e ela me pediu e me falou se eu conhecia a pessoa e eu falei que não, e fiquei muito chateada, às vezes a pessoa... Para quem não entende do que é, eu fiquei muito chateada, porque foi uma atitude antiética, usar uma coisa privada e uma coisa totalmente desprovida de consideração do trabalho de um historiador que é uma pessoa que fez aquilo tão aligeiramente que não entendeu nada [riso], digamos assim. Então eu dou esse exemplo para entender o que é o Centro de Memória, então, você tem os dois posicionamentos, você não pode... O Saviani trabalhou bem isso, e eu aprendi bem isso no grupo, é isso: você não pode enclausura as fontes e você achar que você deve guardar elas num baú, pelo contrário, quando você faz o levantamento e catalogação é para elas se tornarem públicas, virem a público, mas ao mesmo tempo, quando você as torna públicas você é co-responsável pelo que vai se fazer com aquilo, tanto pelas fontes em si quanto a interpretação que se vai ser feito daquilo, então, é um ciclo. Então esse ciclo, eu acho que o Evando está começando, o Evando está conseguindo... O Centro de Memória daqui está se fazendo tornar público essa coisa, o que a gente ainda não sabe, daí como vamos preservar e como vamos nos relacionar com esse passado. O Hobsbawm<sup>28</sup> tem uma coisa, que eu gosto muito nas leituras do Hobsbawm, que é muito difícil, mas é muito interessante, que é o contínuo que ele fala; passado, presente e futuro é uma coisa só, então, o Centro de Memória é isso, o Centro de Memória não é passado, o Centro de Memória ele é passado, ele é presente, ele é futuro e não se desfaz uma coisa da outra. Teve um trabalho agora, que foi da Talita, que fez sobre o trabalho de um dos interlocutores aqui, um dos primeiros professores da Faculdade de Educação Física, ou seja, quando ela traz esse sujeito ele é fonte, no caso é todo um trabalho, mas aí tem toda uma leitura. Então isso é passado, mas ao mesmo tempo é presente e demarca toda uma atividade do futuro. Eu acho que esse movimento já começou e a gente espera que isso..., provavelmente não morre, eu não sou... Nisso eu aprendi com eles e eu acho que isso dificilmente se quebra um ciclo, que é que isso vai se ampliando e vai se tornando forte. E aqui no Mato Grosso, é uma instituição

---

<sup>28</sup> Eric John Ernest Hobsbawm.

muito recente, então, o que a gente talvez tenha... Se aquilo que eu vivi lá em Sergipe em relação a história do Brasil naquele momento, eu acho que talvez a gente esteja vivendo aqui no Mato Grosso. O Mato Grosso é um estado, apesar de uma tradição, digamos assim, grande, mas ele é um pouco... Na história da Educação Física nós não conhecemos aqui ainda, a gente está começando os primeiros trabalhos. Então, esse ciclo de se conhecer como lugar, o lugar da própria Educação Física está começando. Disso que são os primeiros trabalhos, os primeiros trabalhos de história, de história da Educação Física tendo como objeto o Mato Grosso são poucos e estão começando agora. Outro dia mesmo eu estava fazendo trabalho com a Vilma<sup>29</sup>, que é uma outra coisa, nós fizemos sobre os atletas negros aqui, daí nós íamos mandar o trabalho, recebemos dois ou três não, daí eu falei para ela “Vilma, vamos nos acalmar, porque a gente está com dois objetos estranhos”, uma que é a própria história do esporte no Mato grosso e a outra que é o próprio Mato Grosso. Isso parece de senso comum, mas isso ... “o que aconteceu em Mato Grosso em tal período?”, isso acontece com o Mato Grosso, com Pará, ou sei lá, qualquer outro fora do eixo Rio - São Paulo. Talvez hoje um pouco Minas e Porto Alegre, Rio Grande do Sul, talvez entre, sul, sudeste. Mas a gente ainda tem essa coisa, que é um pouco de não se conhecer, então, daí o Centro de Memória está começando a atuar nessa possibilidade e sem medo de se autorreconhecer, que eu acho que aí é importante, daí saber quem nós somos e tal, localmente. Por exemplo, aqui nós estávamos discutindo o negro, mas provavelmente nós vamos ter objetos que vão ser muito peculiares daqui, a gente ainda não sabe como isso se dá e como isso vai se fazer.

C.M. – Sobre o Centro de Memória daqui, ele já teve algum impacto para a Faculdade de Educação Física?

A.G. – Já, já, já. Uma por causa disso, uma porque tem essa história, e eu acho que hoje todo mundo mais distante ou menos, já sabe que existe uma história da Educação Física e, talvez a pessoa mais indicada é o Evandro e os orientandos dele, eu vou começar a produzir agora. Mas que a gente vê já por esse trabalho que existe uma Educação Física aqui e, conseqüentemente, mesmo que lento, mas já começa-se a desenhar esses contornos, essa cara, que cara que tem. Então isso sim. E o Centro de Memória é um apoio, hoje, por exemplo, a gente já não tem receio, por isso que essa máxima do Saviani vale, que eu

---

<sup>29</sup> Vilma Aparecida Pinho.

aprendi, hoje você já sabe aonde que os alunos vão começar com as fontes, aquelas fontes primárias que o Centro de Memória tem. Parece bobo, mas é um trabalho importantíssimo de base, você ter um chão, você ter um solo, então, esse chão, esse solo, o Centro de Memória dá, por isso que, talvez, ele possa se ampliar, ele torna-se o apoio.

C.M. – Professora, tem mais alguma coisa que gostaria de registrar?

A.G. – Não, não, do Centro não. O que eu acho que, talvez, do Centro de Memória, o que a gente precisa fazer, que ainda não aconteceu, mas eu acho que com o futuro, é a gente dialogar com os outros Centros. Provavelmente, ver experiências mais exitosas que eles têm lá para cá e trazer para dialogar mais. Mas é muito difícil, o Brasil é muito grande [risos] e o Centro de Memória é uma instituição muito frágil, é um braço da instituição muito frágil. Mas, talvez, é o que se deseja, acho que todo Centro de Memória vai quase que uma questão de espelho, ele vai querer saber ou querer ter esse apoio institucional. Igual, por exemplo, o nosso que está começando poder conversar com os Centros que já estão mais consolidados e tal, ver ações que tiveram, digamos assim, não sucesso, mas que tiveram consistências. Mas isso é um processo, e um processo muito tímido. Eu também aprendi muito isso na UNICAMP, eu fiz lá, então, quando você vê uma instituição como a UNICAMP, o cuidado que ela tem com as fontes, você entra naquele arquivo do IEL<sup>30</sup>, nossa, aquilo é um sonho para um historiador. Então, os Centros de Memória é isso, então, aquilo é uma instituição consolidada, eu lembro disso. Como também às vezes até na USP<sup>31</sup>, eu trabalhei ali, então, às vezes, quando você ia aos arquivos, aquilo era... Eu trabalhei com obras, com livros, você chegava lá as obras *estavam* lá, não é aqui a coisa, então, elas estavam lá, eles têm, existem. Então isso é muito importante e cria-se toda uma rede. Isso eu estou falando dos extremos, talvez, a nossa atitude agora inaugural é que isso vá gerar o meu deleite de pesquisadora e de qualquer pessoa que queira possa acessar, como acontece com Centros e com referências de uma memória totalmente consolidada, que vira até como senso comum. Então, a hora que você entrar lá acho que qualquer pessoa, não precisa nem ser historiador, já saber o que se tem dentro de um Centro de Memória já se serve por si só. Mas é uma coisa muito difícil, é uma coisa muito delicada num país como o nosso, uma coisa extremamente contraditória, e daí, talvez, o exercício

---

<sup>30</sup> Instituto de Estudos da Linguagem.

<sup>31</sup> Universidade de São Paulo.

difícil e muito de formiguinha que eu acho louvável a atitude, por exemplo, do Evandro. O Evandro é nesse ponto bastante guerreiro para manter isso. Seria isso.

C.M. – Então está bom, muito obrigada.

A.G. – Obrigada Chris.

[FINAL DA ENTREVISTA]